

# O jarê e a festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos em Lençóis, Bahia<sup>1</sup>

Paula Pflüger Zanardi<sup>2</sup>

## Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras; festas populares; jarê

Neste artigo iremos abordar como a fé em Senhor dos Passos, em Lençóis, Bahia, se relaciona com a religião de matriz africana local, o jarê. Primeiro apresentamos uma breve revisão da literatura corrente sobre o jarê para na sequência tratar de sua presença na festa de Senhor dos Passos. Isso se dá a partir da presença do povo de santo durante os atos litúrgicos da festa, como a lavagem e a procissão, relação de proximidade estabelecida entre eles e o Senhor dos Passos e as correlações do padroeiro com outras entidades e com a cultura garimpeira. Por fim, apontamos para os desafios do futuro da festa, que vem perdendo espaço ao longo das últimas décadas para a programação de shows.

Entre tantas formas de manifestar a fé, a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é a que congrega o maior número de moradores da cidade e região. São os praticantes que atribuem à festa os sentidos que a tornam uma referência cultural da região das Lavras Diamantinas<sup>3</sup> em processo de registro como patrimônio imaterial<sup>4</sup>. Muitos mantêm uma relação mágica com Senhor dos Passos, expressa através da devoção à esta imagem em específico que o presentifica; são também, em maior ou menor grau, praticantes do Jarê, envolvidos no universo cosmológico dessa religião.

O jarê, religião descrita como candomblé de caboclo (SENNA, 1998) surge historicamente por meio de complexas interações culturais. O candomblé jeje-nagô, vindo da costa pelo rio Paraguaçu, se funde aos elementos de fundamento congo-angola já presentes na região. Porém, diferentemente do candomblé litorâneo, a religião de matriz africana da Chapada Diamantina tem em sua essência uma abertura à incorporação de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Mestra em preservação do patrimônio cultural pelo IPHAN, cientista social pela UFSC.

<sup>3</sup> A região das Lavras Diamantinas, na Bahia, compreende aos municípios de Lençóis, Mucugê, Palmeiras e Andaraí, e se configura como região garimpeira a partir de 1844 com um intenso afluxo populacional vindo de Minas Gerais e do Recôncavo Baiano

<sup>4</sup> Este artigo deriva da pesquisa (IPHAN, 2023) para elaboração do dossiê de Registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, em Lençóis, Bahia, como Patrimônio Cultural Imaterial pelo IPHAN. A ampla pesquisa contou com levantamento bibliográfico e documental, realização de entrevistas semiestruturadas, grupos focais, bem como a etnografia das etapas preparatórias e da festa, além de documentário em dois cortes; longa e curta-metragem. Realizada entre fevereiro de 2021 e outubro de 2022 com recursos do instituto por meio de licitação na modalidade técnica e preço, processo nº 01502.000306/2020-20.

elementos e entidades de outras fés, como o catolicismo popular, o espiritismo e culturas indígenas (PARÉS, 2018).

Senna ainda distingue duas vertentes do jarê, diferenciadas a partir da atividade econômica e da ocupação do território. Segundo o autor, o jarê surge na região das Lavras Diamantinas, sobretudo nas cidades de Lençóis e Andaraí. Posteriormente, se difunde na zona agrícola que surge para o abastecimento da sociedade garimpeira. Sendo a primeira marcada pela escravidão presente desde a origem dessas cidades, estes jarês conservariam de forma mais visível o culto aos orixás, enquanto a segunda vertente, seriam de cidades de formações posteriores, mais próximo do catolicismo popular e ao culto dos caboclos. (SENNA, 1998)

Banaggia (2015, p. 107–109) relata que a própria origem do jarê se dá na fusão de elementos congo-angola com o candomblé jeje-nagô trazido por senhoras naturais da região do Golfo do Benin e vindas de Cachoeira. Porém, diferentemente do candomblé litorâneo, a religião de matriz africana da Chapada Diamantina tem em sua essência uma abertura à incorporação de elementos e entidades de outras fés.

O jarê é compreendido como candomblé de caboclo (SENNA, 1998) por ser resultante do encontro das matrizes africanas com as entidades nativas da região da Chapada Diamantina, que seriam os espíritos descendentes de indígenas. Os caboclos são os “donos da terra” entidades “idealizadas como habitantes da floresta brasileira, geralmente reverenciados como nobres indígenas”(CASTRO, 2001, p. 91). Castro ainda afirma que os candomblés de caboclo emergem como manifestação rural do contato “de mitos e crenças indígenas com orientações religiosas do povo banto e do cristianismo, mas que projetavam a ânsia de liberdade representada pela imagem do caboclo, no ufanismo de ser brasileiro” (CASTRO, 2001, p. 92).

Esta religião distingue-se sobretudo pelo processo iniciático dos Curadores, caracterizado por um período de “loucura” onde a pessoa vive delírios e padece sem qualquer explicação da medicina ocidental. Os relatos em torno da feitura dos maiores Curadores geralmente contam com uma passagem onde, fora de si, a pessoa é amarrada e levada à força para um terreiro onde ele será tratado pelo curador da casa e caso consiga atravessar o período de aflição mental, deverá assentar seus guias para assim vir a curar outros. Vieira Júnior, no romance que divulgou a religião nacionalmente, descreve a passagem de loucura-cura-curador:

Donana fez reza, pediu licença aos encantados da mata e laçou o filho, como se laçasse um bezerro para derrubá-lo. Seu corpo nu e sujo estava coberto de grandes feridas. Seu cheiro era mais forte que o cheiro de um caititu. Cobriu sua nudez com uma manta, amarrou suas mãos com força enquanto ele gritava e chamou os meninos para rumarem juntos para Caxangá. Deixou palhoça sem derrubar e sobras de beiju de jatobá. No meio do caminho estava a casa do compadre João do Lajedo. ‘Ele que carrega o meu fardo’, disse quando o velho abriu a porta, ‘ele leva por mim porque fui desobediente, não me dobrei. Resisti. Os santos me castigaram’. Os vizinhos do velho João do Lajedo se aproximaram porque Zeca gritava acuado, ganindo como um cão querendo fugir. ‘Cura meu filho, compadre. Cura meu filho. E se tiver de ser ele o curador que levará meu carrego, então que seja’, disse, dando as costas e seguindo com as crianças para casa. (VIEIRA JUNIOR, 2019)

### **A presença do jarê na festa de Senhor dos Passos**

A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos<sup>5</sup> é a culminância litúrgica de uma série de práticas culturais imbricadas na cultura garimpeira que mobiliza diversos grupos culturais a prestar suas homenagens ao padroeiro. O catolicismo popular em Lençóis apresenta distintas expressões culturais: todas elas partilham significados e são realizadas por redes de devotos que se entrecruzam. Assim, é comum que uma devota das almas<sup>6</sup> que também participe do grupo de baianas. As baianas, em sua maioria, também são praticantes do jarê. Os reisados, que em outros contextos festejam o nascimento do Menino Jesus e a chegada dos Três Reis Magos, nas Lavras Diamantinas encontram motivo para estender o seu “giro” após o dia 6 de janeiro, fazendo a peregrinação até a data da procissão de Senhor dos Passos no dia 2 de fevereiro.

Essa manifestação se diferencia das demais do gênero no Brasil por seu caráter de celebração; enquanto o Senhor dos Passos da quaresma carrega o simbolismo do sofrimento de Jesus Cristo, a versão local é festejada com muita música, fogos, bandeirinhas, cortejos alegres e esperançosos para o Padroeiro dos Garimpeiros de Lençóis. Mais a frente veremos os sentidos atribuídos ao padroeiro que orientam atribuem o aspecto festivo.

---

<sup>5</sup> A Festa tem início no dia 23 de janeiro com o ritual da lavagem das escadarias da igreja e culmina na procissão, no dia 2 de fevereiro, após o período da novena. A narrativa oral consolida o início da tradição em 1852, com a chegada da imagem na cidade.

<sup>6</sup> A lamentação das almas é um ritual que acontece durante a quaresma. Envoltas em lençóis brancos, mulheres peregrinam pela noite rezando em cruzeiros, cemitérios e igrejas pelas almas dos que já foram.

Nas décadas de 1970 e 1980, os pesquisadores Senna e Aguiar (2016, p. 126) identificaram em Senhor dos Passos uma “certa correspondência simbólica no jarê com Zambi Panguê – Zambiapungo”, denominação bantu da nação congo-angola para sua entidade religiosa suprema. Quase meio século após os estudos de Senna e Aguiar, encontramos registros tímidos de correspondências com as entidades de denominações Iorubás. Na pesquisa para a elaboração do dossiê de Registro da festa como patrimônio imaterial, essa relação não é difundida pelo povo de santo. Somente uma integrante do terno das Baianas, assim como um pai de santo, quando perguntados, fizeram um esforço de memória para correlacionar Senhor dos Passos à Oxaguiã.

Senhor dos Passos é uma divindade acessível, a quem os garimpeiros e seus descendentes podem recorrer em tempos de dificuldade, a quem podem agradecer com grandes festas e música:

Todos dizem Se Deus quiser e se o Senhor dos Passos ajudar. Ele é a primeira, a grande devoção. Convivendo com os homens, tanto quanto os orixás e os caboclos, conhece-os bem e está sempre disposto a ajudá-los, usando grandes poderes. (GONÇALVES, 1984, p. 136)

Segundo Banaggia, é comum que os lençóenses tenham uma relação devocional “bastante próxima com santos específicos, bem como participem ativamente de eventos públicos como procissões e comemorações conectáveis a esse catolicismo popular, pouco romanizado”(2013, p. 125). O Senhor dos Passos de Lençóis pouco reflete o sentido canônico que a Igreja Católica atribui a essa representação de Jesus. Destaco o trecho de Gonçalves, que em sua pesquisa nos anos 1970 já ressaltava a ausência da imagem do padroeiro nos eventos da semana santa:

“O catolicismo do povo de Lençóis – e a grande maioria dele declara-se católica – pouco tem a ver com a religião erudita e formal. [...]. Muito mais próximo, de fato, está o Senhor dos Passos, por quem todos possuem uma devoção profunda. Não se trata propriamente do Cristo, pessoa da Trindade, o Filho. Tanto é assim que, durante a Semana Santa, não participa da procissão do enterro, nem é velado na Sexta-feira Santa”. (1984, p. 136)

Da mesma forma que o Senhor dos Passos cultuado em Lençóis não é o canônico, não é qualquer imagem que está apta a simbolizar a significância local. Em 2021, devido à pandemia do coronavírus, o pároco local optou por não realizar a procissão, substituindo-

a por uma carreata. Para operacionalizar o feito<sup>7</sup>, o padre solicitou o empréstimo da imagem de Senhor dos Passos do município vizinho, Palmeiras. A imagem, mais leve e da metade do tamanho que a existente em Lençóis, permitiria o transporte sobre a traseira de uma caminhonete. A decisão tomada unilateralmente pela Paróquia foi duramente contestada pela população. Entre os argumentos, destacava-se que o “Senhor dos Passos de Palmeiras não é o Senhor dos Passos daqui”. Uma solução apresentada pelos devotos era a de utilizar a imagem da Sociedade União dos Mineiros, tida como réplica em miniatura da imagem lençoense, o que contentaria a população, ainda que não fosse a “imagem verdadeira”.

Somente o Senhor dos Passos “verdadeiro” é investido de agência, operador de milagres, bênçãos, livramentos e bambúrrios. Esta imagem não representa o Senhor dos Passos, ela o presentifica, torna-o presente e vivo no altar.

O Senhor dos Passos é literalmente a imagem que está na capela levantada em sua honra; é o patrono dos garimpeiros, protege todo o povo sem discriminações, por isto mesmo sendo homenageado com a maior festa da cidade, no dia 2 de fevereiro. (GONÇALVES, 1984, p. 136)

O padroeiro não é a personificação de Jesus nem de Orixás, é através da livre analogia dos passos que o lençoense atribui seu significado. O Senhor dos Passos presentifica o andarilho, ao caminhante das serras, os garimpeiros. Na representação de Jesus caminhando com a cruz está a alusão ao ofício, ao sacrifício que os garimpeiros fazem no seu penoso trabalho ao caminhar pelas serras na busca do diamante. A cada saída para a serra, a volta do garimpeiro é incerta, muitos são os que morreram soterrados nas grunas, sob uma lapa que desmorona com a movimentação do cascalho. Tantos outros são os que, machucados, amputados, por um pequeno descuido, tornaram-se inaptos a continuar no trabalho do garimpo. Das invocações possíveis ao Senhor dos Passos, Odilaine Botelho, Integrante da Sociedade Philarmônica Lyra Popular de Lençóis e descendente de garimpeiros, escolhe repetir a que seu avô, garimpeiro, fazia: “guiando meus passos, cuidando de mim nos terrenos hostis, para que assim eu volte para casa”. Aqui a proteção do padroeiro é invocada sobre o caminhar do garimpeiro; o saber pisar nas serranias pode ser o que separa a vida da morte.

---

<sup>7</sup> Em protesto, os devotos permaneceram na igreja com o santo verdadeiro enquanto a carreata foi realizada com a imagem emprestada.

A sociedade lavrista produz um padroeiro que espelha aqueles homens e mulheres que fundaram as cidades garimpeiras do ciclo do diamante. Senhor dos Passos projete e guia o caminhar desses trabalhadores, por ser aquele capaz de compreender suas aflições pela experiência compartilhada do caminhar com seu fardo. Assim, a escolha do padroeiro não é aleatória, mas encontra na narrativa bíblica do calvário alegorias que ressoam na experiência do garimpo.

Em Lençóis, a devoção ao Senhor dos Passos é alegre e festiva, se trata de uma celebração da divindade, em contraste com a dimensão fúnebre e carregada de penitência das manifestações ao santo em outras localidades do país. Em parecer técnico no processo de solicitação do registro da festa, já está colocada essa diferenciação:

“Não se trata de procissão fúnebre, mas de louvor alegre e exaltado. A procissão é acompanhada de marchas e dobrados alegres, e as duas canções mais executadas, o Hino de Senhor dos Passos e a Canção do Garimpeiro, transmitem regozijo e animação. Tal se dá por ser esta Festa um momento de agradecimento e de dádiva, e não de culto ao sofrimento. A tônica da festa é de louvor e alegria. Há um descompasso entre o significado ortodoxo, canônico da Festa, ligado ao martírio de Cristo, e a resignificação promovida pelos garimpeiros, que a criaram para louvar e agradecer ao Senhor que guia seus passos em busca do diamante.” (ADINOLFI, 2016, p. 8)

Cabe aqui observar o caráter mágico da relação dos devotos com o Senhor dos Passos, profundamente permeado pela cosmovisão do jarê. O desenvolvimento histórico do jarê acompanhou o desenvolvimento das Lavras Diamantinas e esteve diretamente associado ao cotidiano dos garimpeiros da região. O Senhor dos Passos, aquele que guia os garimpeiros pelos intrincados caminhos das serras, pode ser o responsável pela boa sorte do bambúrrio. Bamburrar ou “tirar a sorte grande”, no garimpo, significa encontrar uma pedra grande, responsável pelo enriquecimento rápido do garimpeiro. Encontrar o diamante não é uma ocorrência fortuita, mas indica predestinação, na medida em que se acredita que cada diamante tem 3 dês: o Diamante, o Dia de ser encontrado e seu Dono que o aguarda.

Na circulação da dádiva (MAUSS, 2003), a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é o momento em que o garimpeiro retribui ao seu padroeiro. Neste sentido, a festa é o momento de retribuição, marcado pelo dispêndio, pelo excesso. Os devotos não a fazem para pedir, e sim para honrar o santo com a festa mais bonita possível. O dinheiro do

diamante precisa ser dispersado, para que outros diamantes possam chegar. A lógica que subjaz ao garimpo é a do dispêndio, não a do acúmulo.

Esse momento de abundância da festa, sobretudo em anos de declínio da economia do garimpo, não seria uma incapacidade dos garimpeiros em poupar, mas uma necessidade de experimentar momentos de fartura. A sociedade lençoense é marcada “seja por surtos de enriquecimento repentino, seja por acumulação vagarosa, [que] permite que alguém possa se empenhar em suas atividades cotidianas com a perseverança que lhes é característica” (BANAGGIA, 2013, p. 85).

Fora do contexto da festa, as trocas com o plano espiritual também ocorrem para pedir favores. No jarê, o dinheiro desempenha um papel nos momentos de consulta, quando o garimpeiro busca o curador para que as entidades indiquem o caminho ao diamante. Em oposição ao bambúrrio estão os relatos dos garimpeiros “infusados”, são aqueles que por motivos mágicos passam muito tempo sem encontrar diamantes e que devem buscar um curador para fazer um ritual de desinfusamento. Encontrar a pedra não se dá unicamente pelo emprego das técnicas de extração, pois o diamante possui um poder anímico:

[...] para eles, o diamante tem vida e vontade, movimentando-se e mudando de lugar conforme o que quer; tendo vontade, é capaz de dar sinais, mostrando onde está, ou pode esconder-se para não ser encontrado. (Goncalves p.132)

Vimos que apesar da Festa ser em homenagem a uma representação de Jesus Cristo a caminho do calvário seus sentidos diferem muito daqueles atribuídos pela igreja católica. As formas de homenagear o padroeiro também fazem parte desse repertório plural e sincrético do território. Como por exemplo as baianas em seu ritual de lavagem das escadarias.

A lavagem das escadarias e do adro do Santuário de Senhor dos Passos ocorre anualmente em 23 de janeiro, véspera do início da novena, abrindo oficialmente o calendário da Festa. Este dia é o segundo mais concorrido, superado em público somente pelo dia 02 de fevereiro, data da procissão. Originalmente, lavava-se também o interior da igreja, mas a atividade foi proibida na última década, e a igreja passou a manter as portas fechadas durante o ritual.

Pelos relatos orais dos moradores, não é possível precisar a data de início da lavagem, contudo ela se divide em dois momentos. A princípio, a prática era realizada pelas

mulheres e crianças que carregavam a água do Rio Lençóis em latas, escadaria acima, para lavar a igreja antes do início da novena. Alguns dos entrevistados afirmam que essa prática não tinha um sentido ritualístico ou devocional, apenas o desejo de limpar e arrumar a igreja para o início dos festejos. Outros, no entanto, afirmam que sempre houve a relação deste ato com a religiosidade do jarê, que, ainda que de forma discreta, performava estes atos de limpeza ritual como atos preparatórios para a Festa. Foi somente a partir dos anos 1970 que se começa a trajar a roupa branca de baiana, colares de contas e carregar na cabeça a quartinha<sup>8</sup> com água de cheiro.

Existem distintas narrativas sobre a origem dessa manifestação mais estetizada das Baianas. Alguns relatos apontam o ex-prefeito e professor Raimundo Dourado como o responsável pelo início dessa tradição. A iniciativa tratar-se-ia da criação de um grupo folclórico que reproduziria as vestes utilizadas na prática da lavagem da festa do Senhor do Bonfim de Salvador. Essa história é contada no site desenvolvido pela Sociedade União dos Mineiros (SUM) em 2021:

A caracterização do grupo com traje típico de 'bairanas' começou em 1977 por iniciativa do professor Raimundo Dourado na gestão do então prefeito Paulo da Silveira. Naquele ano, a Comissão Organizadora da Festa achou por bem valorizar o trabalho e a devoção das mulheres que se dedicavam à lavagem da igreja, caracterizando-as como 'bairanas' tais como as Bairanas da Lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador.<sup>9</sup>

Dona Vane, a mais anciã das integrantes, apresenta outra narrativa. Ela e Fernandinho de Tonha, ambos filhos de santo de Pedro de Laura, o maior curador de jarê da região, teriam regressado de uma temporada entre os "candomblés de Salvador" e, inspirados no que viram por lá, começaram a trajar indumentárias de baiana para realizar o ritual.

Fernandinho foi citado diversas vezes como sendo o expoente dessa prática em Lençóis. Ele participava da lavagem e da procissão trajando roupas características de adeptos de religiões de matriz africana, calças largas que prendiam nos tornozelos e bata com rendas. Usava também um torso e, assim como as mulheres, carregava a quartinha para a lavagem.

---

<sup>8</sup> Jarro de cerâmica utilizado no candomblé e Jarê onde se coloca a água servida às entidades.

<sup>9</sup> <https://senhordospassoslencoisba.com.br/baianas/> Acesso em: 8 de abril de 2024.

A incorporação do ritual de lavagem à festa de Senhor dos Passos revela as trocas culturais do jarê com os candomblés de Salvador e sua inspiração na Lavagem de Nosso Senhor do Bonfim. A divulgação do candomblé baiano através da mídia desde os anos 1960, a partir de artistas populares da Bahia como Dorival Caymmi e depois Maria Bethânia, Gal Costa e outros, além da popularização da iconografia dos orixás por artistas como Carybé e Pierre Verger, promovem uma inserção inédita do candomblé na esfera pública e no imaginário sobre a baianidade. O trabalho do afoxé Filhos de Gandhi e dos blocos afro, a partir do final dos anos 1970, também promoveria a estética do candomblé para além das fronteiras baianas, tornando-o um elemento identitário central na construção da baianidade e, por extensão, da brasilidade.

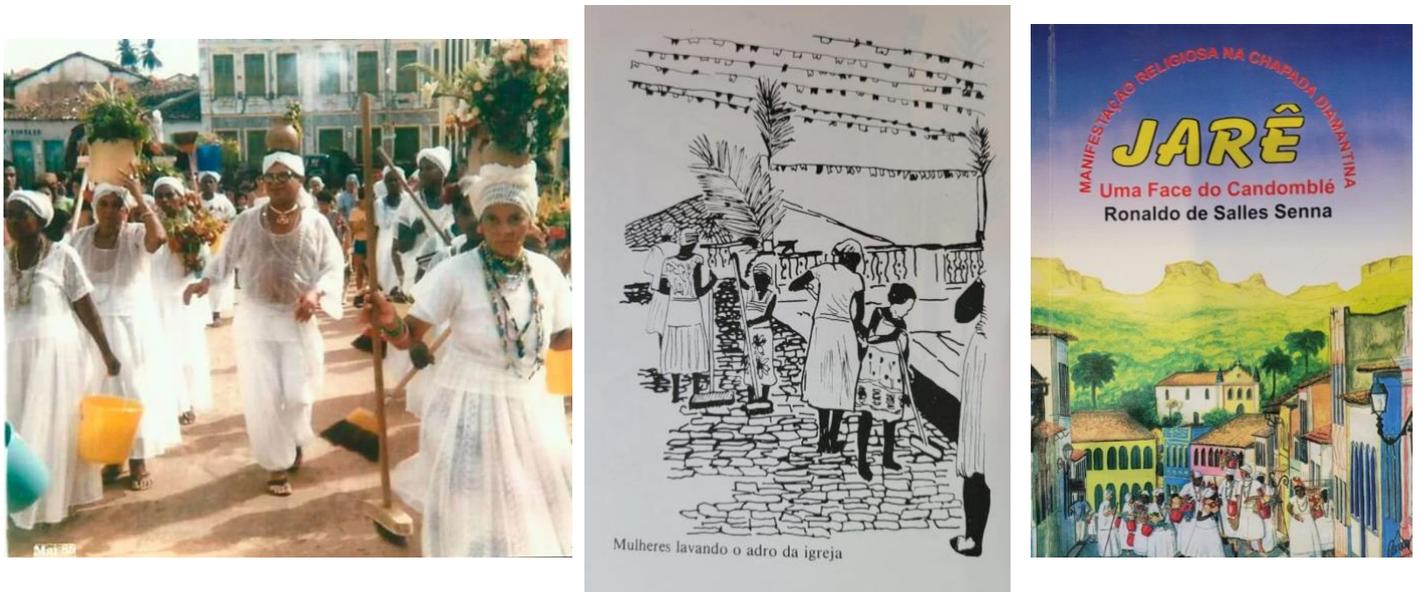


Figura 1: À esquerda Fernandinho de Tonha ao centro acompanha as baianas na lavagem. Autor desconhecido, maio de 1985. Ao centro, Ilustração de Gonçalves (p.200, 1984), que pesquisou a festividade entre 1976 e 1979. À direita Capa do livro Jarê: Uma face do Candomblé de 1998 ilustra a cena do cortejo das baianas para a lavagem das escadarias.

Nos anos 1970, Gonçalves afirmava que “durante a novena, é muito frequente baterem os jarês, em particular no dia dois”. (1984, p. 194) esse registro também aparece em Senna e Aguiar (2016, p. 127). Estes jarês são ainda lembrados por Pai Gil de Ogum que relatou em entrevista que “tinha pessoas que faziam, na época do Senhor dos Passos, o jarê deles como uma reverência à Senhor dos Passos.” Ainda segundo Gonçalves:

Integram-se e complementam-se: o catolicismo, que nada tem de romano, e o Jarê, designação que se dá à forma local de manifestação do candomblé. O que há, na verdade, é uma religiosidade mágica, independentemente dos nomes que se lhe dê. Convivendo com o cotidiano, existem os mistérios, nos seres e nas coisas: o homem pode e deve conhecê-los, para usá-los a seu favor. (1984, p. 131)

Dentre os praticantes do jarê que se destacam na festa, temos Daso, também conhecido como Pai Gil de Ogum. Dentre os pejis de Lençóis o seu é o único a possuir uma imagem de Senhor dos Passos, posicionado ao lado de caboclos e boiadeiros.

O Pai de Santo relatou que ao quase morrer por uma medicação inadequada para o tratamento da febre tifoide, sua mãe fez uma promessa, de que sendo encontrado o remédio adequado Daso passaria a carregar o andor do padroeiro por dez minutos durante a procissão. Segundo Daso, na farmácia, encontraram um

vidro todo empoeirado, todo cheio de teia de aranha, e foi esse que veio para que eu tomasse e voltasse a viver novamente, porque eu praticamente estava morto. Senhor dos Passos, com a promessa que minha mãe fez, me levantou daquela cama e eu tenho Senhor dos Passos com muita devoção, trato Senhor dos Passos com todo amor, com muito carinho. (ZANARDI; PINTO, 2021) <sup>10</sup>.

Daso carregou o padroeiro por 34 anos em durante todo o percurso, da descida das escadarias até o retorno da igreja, sempre à frente. Atitude por vezes que gerava conflito entre os devotos, já que o revezamento da guarda de honra é o que possibilita que todos cumpram com sua devoção.

Soma-se à promessa da mãe a sua própria promessa: quando foi graduado para ser Pai de Santo, Daso pede ao Senhor dos Passos para conseguir fazer o próprio terreiro. Desde então lavou as escadarias junto com as baianas na abertura da novena. Ele também se fazia presente na alvorada dos garimpeiros, mas não participava das missas.

Assim como as mulheres, que já realizavam a lavagem das escadarias e que passam a vestir-se de baianas carregando todos os elementos que fazem referência ao jarê a partir dos anos 70, vemos também essa transformação na indumentária de Daso e outros pais de santo. Em fotografia, tem-se documentado que Daso carregava o andor de terno até o ano de 2014, entre 2015 e 2016 o pai de santo passou a vestir-se com suas roupas do jarê; possivelmente essa mudança esteja atrelada à inauguração de seu próprio terreiro. A presença das baianas, de Daso, Damaré, sacerdote que também se traja para a festa, colaboram para que se consolide a imagem pública do jarê na festa.

---

<sup>10</sup> Em 2021 realizei a pesquisa para o acervo virtual Memória das Cantigas do Jarê ([www.cantigasdojare.com.br](http://www.cantigasdojare.com.br)) da qual Daso participou ativamente. O curador faleceu no mesmo ano, por este motivo as entrevistas do projeto anterior, não publicadas no site, foram incorporadas à pesquisa para o registro da Festa.



*Figura 2: Daso carrega o andor nos anos de 2012 e 2017, respectivamente. Fotos: Açony Santos.*

Nas últimas décadas, o sentido religioso da festa e sua conexão fundamental com a cultura do garimpo tem perdido espaço como aspecto principal da festividade, para a programação de shows promovidos pela prefeitura. A centralidade que a programação da “festa profana”, como é conhecida, pode ser expressa pelo aporte de recursos financeiros para incluir bandas renomadas, enquanto os grupos culturais como o reisado, a marujada, a filarmônica, as baianas, participam ativamente dos dez dias de festa e muitas vezes com grande dificuldade para a aquisição de indumentárias e instrumentos. Neste ano de 2024 o governo do estado da Bahia realizou o lançamento do carnaval do interior do estado durante o período da Festa. Realizando show de Bell Marques, cantor consagrado por puxar um dos maiores trios de Salvador e Banda La Fúria de pagodão baiano. Durante o show, a Festa de Senhor dos Passos, padroeiro dos garimpeiros, sequer é citada pelos artistas. Com a perspectiva de registro como patrimônio cultural brasileiro espera-se que haja um esforço conjunto dos organizadores da festa em preservar e valorizar seus aspectos patrimoniais e que as expressões culturais das lavras diamantinas não sejam devoradas pela indústria cultural.

## **Referências Bibliográficas**

- ADINOLFI, M. P. **Parecer Técnico nº 0634/16**. Bahia: IPHAN, 2016.
- BANAGGIA, G. **As forças do Jarê: Movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina**. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2013.
- BANAGGIA, G. **As forças do jarê: religião de matriz africana da Chapada Diamantina**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- CASTRO, Y. P. DE. **Falares africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- GONÇALVES, M. S. P. DE C. **Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA**. São Paulo: Escola de Folclore, 1984. v. 8
- IPHAN. **Produto 11 – Dossiê de Registro Versão Final. Pesquisa histórico-sociológica/antropológica na área do patrimônio cultural e de coordenação da produção audiovisual para elaboração do dossiê de Registro da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, no município de Lençóis, Bahia. Processo nº 01502.000306/2020-20.** , 2023.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva - Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Em: **Sociologia e Antropologia**. 4ª reimpressão ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- PARÉS, L. N. Religiosidades. Em: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. (Eds.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. [s.l.] Cia das Letras, 2018. p. 377–383.
- SENNA, R. DE S. **Jarê - uma face do candomblé: manifestação religiosa na Chapada Diamantina**. Feira de Santana: Editora da Universidade Federal de Feira de Santana, 1998.
- SENNA, R. DE S.; AGUIAR, I. P. DE. **Remanso: uma comunidade mágico-religiosa**. Feira de Santana: UEFS, 2016.
- VIEIRA JUNIOR, I. **Torto Arado**. 1ª ed. 16ª reimp. ed. São Paulo: Todavia, 2019.
- ZANARDI, P. P.; PINTO, A. C. **Memória das cantigas do Jarê**. 1. ed. Lençóis: Fundação Pedro Calmon, 2021.